

EM BUSCA DA "DESPALAVRA": TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO *TRIÂNGULO MEDIEVAL*, DE SAMUEL BECKETT

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i39p185-192>

Fábio de Souza Andrade

RESUMO

Antes de firmar-se como um dos maiores autores de teatro no século XX, o jovem Beckett ensaiou, em língua alemã, nos anos 1930, uma adaptação cênica do canto inicial de *Orlando Furioso*, de Ariosto. Incompleta, a obra carrega as marcas da "literatura da despalavra" beckettiana em seus estágios iniciais de formulação e antecipa os impasses e procedimentos que, amadurecidos em peças como *En Attendant Godot* e *Fin de Partie*, o tornaram uma referência incontornável do modernismo tardio europeu.

PALAVRAS-CHAVE: Triângulo Medieval; Ariosto; *Orlando Furioso*; Beckett.

ABSTRACT

Before establishing himself as one of the greatest playwrights of the 20th century, in the 1930s the young Beckett drafted a German-language stage adaptation of the opening song of Ariosto's *Orlando Furioso*. Incomplete, the work shows the traces of Beckett's "literature of unword" in its early stages of formulation, impasses and procedures which converted him into an axial reference in European late Modernism.

KEYWORDS: Medieval Triangle; Ariosto; *Orlando Furioso*; Beckett.

Torturado por um bloqueio criativo, em meados dos anos 1930, sem saber como fazer avançar seu percurso até então marcado pela ficção à sombra de Joyce (*More pricks than kicks* [Mais pontas que pés], e *Murphy*), por alguns ensaios críticos e por um magro volume de versos (*Echo's Bones and Other Precipitates*), Beckett deu os primeiros tímidos passos para fazer sua percepção intuitiva e inquieta da saturação do modernismo heroico ganhar corpo na prática do livre trânsito entre os vários gêneros literários.

Refiro-me aos esboços de duas peças teatrais que, mesmo inconclusas, já sugerem o dramaturgo revolucionário a caminho. Primeiro deles, *Human Wishes* [*Desejos Humanos*]¹, foi incluído por Ruby Cohn em *Disjecta*. São pouco mais que dez páginas sobreviventes dos planos frustrados para uma peça sobre os anos finais da vida do Samuel Johnson, homem de letras e intelectual público, dicionarista por antonomásia; o segundo, ainda bastante secreto, foi publicado apenas recentemente como anexo da edição crítico-genética de *En Attendant Godot/ Waiting for Godot*, organizada por Dirk van Hulle e Pim Verhulst, para o Beckett Digital Manuscript Project².

¹ Samuel Beckett, *Disjecta: Escritos diversos e um fragmento dramático*. Tradução de Fábio de Souza Andrade, Rio de Janeiro: Globo/Biblioteca Azul, 2022, p.199-214 73-77.

² Van Hulle, D.; Verhulst, P. Mittelalterliches Dreieck (Appendix I). In: *The Making of Samuel Beckett's En Attendant Godot/Waiting for Godot*. London/Antwerp: Bloomsbury/ University Press Antwerp, 2017, p. 330-38.

Trata-se do curiosíssimo fragmento dramático, de teor paródico, *Mittelalterliches Dreieck [Triângulo Medieval]*, até agora inédito em português e aqui publicado em tradução abaixo. O texto é notável, inclusive, por ter sido escrito originalmente em alemão, em agosto de 1936; foi inspirado, muito de perto, na disputa verbal entre Ferraù e Rinaldo pelo amor relutante de Angélica, no primeiro canto do *Orlando Furioso*, de Ariosto (1474-1533). Não é segredo que, confrontado com o que lhe parecia com um beco-sem-saída na trilogia romanesca do pós-guerra, *Molloy*, *Malone Meurt* e *L'Innomable*, Beckett voltou-se para o teatro, e assim *Eleutheria* e *Godot* vieram a luz.

Mas, muito antes disso, Beckett ensaiou, por pelo menos duas vezes, em farsa, a forma dramática. Ao *Triângulo Medieval*, chegou por vias tortas. Em suas andanças pelos museus alemães, durante longa viagem de formação entre 1936-37³, interessado nos velhos mestres, deparou-se com as miniaturas do renascentista dito Dosso Dossi (1489-1542), amigo do poeta italiano que o menciona em seus versos. Por contágio, foi levado a uma leitura do *Orlando Furioso* e, capturado pelo poema, teve a ideia de ensaiar uma transposição ao palco do duelo entre os pretendentes de Angélica que anima o primeiro canto, escolhendo o alemão como língua de expressão (a mesma em que formulou sinteticamente seu programa estético rumo a uma “literatura da despalavra [Unwort]”, na famosa “carta alemã de 1937”, dirigida a Axel Kaun⁴).

Desde logo, diga-se que a opção pela forma dramática e pela língua estrangeira trabalham em direção concordante: indiciam uma concepção da arte, e por extensão, da literatura, como tradução imperfeita e inconclusiva de um núcleo expressivo arredio e elusivo, jamais realizado à perfeição, do qual o futuro processo de criação bilíngue de Beckett será uma manifestação entre outras. O humor sardônico de Ariosto, seu *risolino*, é homenageado por um diálogo em que os dois protagonistas se manifestam sobre um terceiro, a donzela, (quase) ausente, em que os motivos corpóreos, desidealizantes e ridículos, assumem o primeiro

³ Ver Mark Nixon, *Samuel Beckett's German Diaries 1936-1937*. Londres: Continuum, 2021.

⁴ Samuel Beckett, *Disjecta: Escritos diversos e um fragmento dramático*. Tradução de Fábio de Souza Andrade, Rio de Janeiro: Globo/Biblioteca Azul, 2022, p.73-77.

plano. Qualquer semelhança com a estrutura de *En Attendant Godot*, é mais que coincidência.

*

Samuel Beckett, *Triângulo medieval*

14 de agosto de 1936

Tradução: Fábio de Souza Andrade

Ferraù, gigante da linhagem de Golias, Sarraceno, apaixonado por Angelica
Rinaldo, cavaleiro do exército carolíngio, também apaixonado por Angelica
Angelica, filha de Galafrão, rei cristão, livre de paixão

Região agreste com rochas e árvores. ^{Rio largo.}

Sem alternativa, o crepúsculo cai.

Ferraù sozinho, ajoelhado junto à margem. Atrás dele, seu cavalo.

Ferraù: Angelica, onde estás? A noite toda combatendo, o dia todo, procurando. Duas vezes em vão. De acre suor, ainda que não de sangue, coberto da cabeça aos pés. [Bebe] Ligeira, a escuridão despenca, o sol logo terá baixado [Cai-lhe o elmo na água], como meu único elmo, neste rio amaldiçoado. [Agita a água com ambas as mãos]. Amanhã, o sol ressurgirá, meu único elmo não, nunca mais. O rio é profundo e Ferraù, claro, jamais aprendeu a nadar. [Bruscamente, põe-se a escutar com atenção] Ah querido Mohamed, ou muito me engano, ou soa ao longe a voz amada.

Angelica entra.

Angelica: Ai de mim! Ai de mim! E ai de mim!

Ferraù: [Aprumando-se de um salto] Que tens, tesouro? Não estou aqui, adorada, coração e estômago para servi-la?

Angélica: Este aí, era só o que me faltava.

Ferraù: Pareces pálida e cansada, ofegante e suando aos borbotões, ou muito me engano, ou estiveste correndo à toda por um longo tempo.

Angelica: Fugi dos braços de um canalha apenas para cair direto nos de um patife? Ai de mim! Belo progresso! Do roto temente a Deus ao esfarrapado por Deus maldito! Quanta vantagem! Ai de mim! [Contorce as mãos]. Não haverá refúgio no mundo em que uma virgem racionalista possa proteger sua virgindade racionalista, tanto do crente quanto do incrêtu? [Leva as mãos contorcidas junto ao peito muito ofegante].

Ferraù: Que papagaiada é esta, ó rosto angelical, sobre virgindade racionalista? [Aproximando-se]. O que vem agora, não é brinquedo.

Angelica [Afastando-se]: Pára!

Ferraú: [Ainda se aproximando]: E por que, se me permite a pergunta? Talvez me imagine pouco versado na arte de fazer a corte, eu, o guardião dos registros de toda a África?

Angelica [Ainda se afastando]: Este lugar é público demais. Estamos em meio a inimigos. Vamos para longe. Conheço uma caverna, e o cavalo está pateando.

Ferraù: Deixa que pateie, não é o único – Mas quem vem lá?

[Rinaldo entra, numa das mãos, uma espada, na outra, um escudo]

Rinaldo: Baiardo! Angélica! Angélica! Baiardo!

Angélica: Permitam-me que faça as apresentações: Ferraù, Duque de Sabe-Deus-Onde, canalha pagão – Rinaldo, Duque de Montalbano, patife cristão. Mas vejo que já se conhecem. Imploro, salvem-me um do outro.

Rinaldo/Ferraù: Com prazer!

[Lutam. Angelica sai apressada. Continuam lutando. A lua nasce sobre a floresta. Ainda segue o combate. Nenhum dos dois consegue se impor sobre o adversário. Estão feridos, exaustos e aborrecidos na exata mesma medida.]

Rinaldo/Ferraú: Chega.

[Param de lutar]

Rinaldo: Não faz nenhum sentido continuar com esta gangorra sangrenta. O que está em disputa mesmo?

Ferraù [sem convicção]: A fé.

Rinaldo: Qual, o quê!

Ferraù: Ah sim, e a guerra também, que entre os teus e os meus se trava.

Rinaldo: Santa Misericórdia!

Ferraù: Mas principalmente a divina Angélica, filha de Galafrão, a mais bela das donzelas.

Rinaldo: Se a rameira for mesmo uma virgem.

Ferraù: Como poderia não ser?

Rinaldo [anódino] Há muitas maneiras.

Ferraù: Virgem ou não, dá tudo na mesma.

Rinaldo: Falsa generalização.

Ferraù: Quer dizer que largamos a espada para debater ninharias sobre gostos? Queres mesmo brigar com palavras, aconselho-te então a chispar sem demora de volta a Paris.

Rinaldo: Acabaste de dizer agora mesmo, e com toda razão, na minha opinião, que é Angélica que está em disputa. Então tudo que diz respeito a ela, até mesmo a alegada bela flor, necessariamente é pomo de discórdia entre nós. Pois somos adversários no mais puro sentido. Versos meus por ela, versos teus por ela, por causa dela, adversos.

Ferraù: Pensas que devemos nos advertir por um mero nome? Talvez não tenha notado que a dama se foi, com ou sem flores.

Rinaldo: Deus meu! É verdade!

Ferraù: Não seria mais sábio adiar esta disputa até que tenhamos assegurado o prêmio por ela? Desconheço coisa mais tola sob as nuvens que ganhadores sem ganhos.

Rinaldo: Que cavalheiresco!

Ferraù: Sou contrário à castidade por natureza. Tem sido assim desde sempre.

Rinaldo: Agora passas do milho ao milhão.

Ferraù: Chega de conversa mole! Ao cavalo! Vamos atrás da dama.

Rinaldo: Que cavalo? Que diabo! Talvez não tenhas notado que perdi meu cavalo.

Ferraù: A garupa do meu está a tua disposição.

Rinaldo [Estendendo a mão]: Não testemunho tamanho desprendimento há muito tempo.

Ferraù [Apertando-a]: Não por isto. Somos camaradas por ora para nos tornarmos oponentes tanto mais ferozes quando chegar a hora.

[Sentam-se. O cavalo dispara, tocado por quatro esporas.]

(Original catalogado como UoR MS 5003, 5r-11r, nos Arquivos Beckett, da Universidade de Reading).

Fábio de Souza Andrade é professor titular de Teoria Literária na USP, autor de *O Engenheiro Noturno: a Lírica Final de Jorge de Lima* (Edusp, 1997) e *Samuel Beckett: o Silêncio Possível* (Ateliê, 2001), entre outros. Crítico literário e ensaísta, colaborou com o *Jornal da Tarde*, *O Estado de S. Paulo* e foi colunista da *Folha de S. Paulo*. Tradutor da obra do dramaturgo irlandês e, com Ana Helena Souza, lidera o Grupo de Pesquisa Samuel Beckett (USP/CNPq).